



UC/FPCE\_2018

Universidade de Coimbra  
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**Luso-tropicalismo e atitudes face a imigrantes e refugiados: um estudo com trabalhadores portugueses**

Beatriz Costa Nunes Ribau (e-mail: [beatrizribau27@gmail.com](mailto:beatrizribau27@gmail.com))

Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações e do Trabalho sob a orientação do Professor Doutor Joaquim Pires Valentim

## **Luso-tropicalismo e atitudes face a imigrantes e refugiados: um estudo com trabalhadores portugueses**

### Resumo

A presente investigação procurou estudar as representações sociais do luso-tropicalismo e sua associação com a aceitação de discriminação nas relações entre trabalhadores portugueses e estrangeiros, e com a posição de abertura (ou restrição) à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal. A amostra utilizada é constituída por 224 trabalhadores portugueses e os dados foram recolhidos através de questionários auto-administrados.

Os resultados revelam uma tendência para a concordância com a entrada de imigrantes e refugiados em Portugal e a existência de uma postura de maior amabilidade que hostilidade para com trabalhadores estrangeiros. O luso-tropicalismo não se encontra associado à abertura à entrada de imigrantes e refugiados, nem se revela eficaz na redução da aceitação de discriminação nas relações entre trabalhadores portugueses e estrangeiros, em sintonia com investigações anteriores (e.g., Valentim & Heleno, 2018).

Palavras-chave: representações sociais, luso-tropicalismo, aceitação de discriminação, imigrantes e refugiados.

## **Luso-tropicalism and attitudes towards immigrants and refugees: a study with Portuguese workers.**

### Abstract

The present study's main goal is to study the social representation of Luso-tropicalism and its association with the acceptance of discrimination in the relations between Portuguese and foreign workers, and with the position of openness (or restriction) towards the entry of immigrants and refugees into Portugal. The sample has 224 Portuguese workers and the data were collected through a self-administered questionnaire.

The results show a tendency to agree with the entrance of immigrants and refugees in Portugal and to show a posture of kindness rather than hostility towards foreign workers. Luso-tropicalism is not associated with a position of openness towards the entry of immigrants and refugees into Portugal and does not inhibit the acceptance of discrimination in the relations between Portuguese and foreign workers, which is in line with previous studies on the topic (e.g., Valentim & Heleno, 2018).

Keywords: social representations, luso-tropicalism, acceptance of discrimination, immigrants and refugees.

## **Agradecimentos**

Antes de mais, gostaria de agradecer a todos aqueles que participaram nesta investigação respondendo ao questionário da mesma. Agradeço, em particular, ao Colégio D. José I – Santa Joana pela enorme ajuda na recolha dos dados para a minha dissertação.

Agradeço, também, ao meu orientador, Professor Doutor Joaquim Pires Valentim, por todo o apoio ao longo deste processo e pela confiança demonstrada nas nossas capacidades. À Ana Manso e ao David Gonçalves agradeço a partilha de conhecimento durante as reuniões de orientação e, sobretudo, todas as palavras de amizade que trocámos entre cafés e reuniões durante o semestre.

Agradeço o contributo e generosidade de todos os familiares que me apoiaram neste período. À minha avó, que faleceu em Outubro de 2017, e que sempre me apoiou no meu percurso académico.

Agradeço a todos os meus amigos a sua presença, generosidade e amizade, sem a qual tudo seria mais difícil.

Um obrigado particular à Ana Mónica Torres, à Beatriz Coelho, à Rafaela Miranda e à Rita Marques pela grande ajuda que me deram durante este processo.

Agradeço ao meu namorado João todo o apoio e carinho.

Por fim, agradeço à casa que me acolheu ao longo dos últimos 5 anos, a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra. Aprendi muito nesta faculdade e sei que levo daqui amizades para a vida. Por essa razão, irei recordar sempre com muito carinho a minha vida académica.

## Índice

Introdução .....	1
I – Enquadramento conceptual .....	3
Representações Sociais .....	3
Luso-tropicalismo .....	5
Preconceito e Discriminação.....	8
Migrações em Portugal .....	10
Implicações para o local de trabalho.....	12
II – Objetivos.....	14
III – Metodologia .....	15
Desenho da investigação.....	15
Descrição da amostra .....	15
Instrumentos.....	16
Procedimentos de investigação adotados .....	18
IV – Resultados .....	20
Análises fatoriais exploratórias em componentes principais .....	20
Abertura à entrada de imigrantes e refugiados .....	27
Associação entre o luso-tropicalismo e a aceitação de discriminação para com trabalhadores estrangeiros .....	28
Associação entre o luso-tropicalismo e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados .....	28
Associação entre a autocaracterização e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados .....	29
V – Discussão.....	29
VI – Conclusões .....	32
Referências bibliográficas .....	33

## Introdução

“Ninguém põe os filhos num barco a não ser que a água seja mais segura que a terra.”

(Warsan Shire, em *Home*)

Nos últimos anos, presenciou-se um intenso aumento do fluxo migratório na Europa. Este fluxo foi influenciado em grande parte por deslocamentos associados à globalização, sendo as migrações consideradas um dos três pilares do fenómeno de mundialização (para além das trocas internacionais e da movimentação de capital). As sociedades, que se tornam cada vez mais multiculturais, enfrentam agora novos desafios, nomeadamente no que diz respeito à integração dos imigrantes (Ramos, 2013). Além do fenómeno de globalização, é fundamental ter em conta o aumento do fluxo de refugiados na Europa nos últimos anos, particularmente de refugiados provenientes da Síria em fuga do confronto armado que ali se instalou (UNHCR, 2015). Portugal, tal como outros países europeus, aceitou como política de apoio humanitário o acolhimento de refugiados (Postelnicescu, 2016).

Historicamente é possível compreender que os fluxos migratórios têm afetado Portugal de maneiras diferentes ao longo do tempo. Portugal, embora um país tradicionalmente de emigração, registou, em 2016, 397.731 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência em Portugal (SEF, 2016).

O PNUD (2004) destaca que, perante o aumento de fluxos migratórios, existem duas posturas que podem ser adotadas pelos países – a de promover a inclusão dos imigrantes ou a de fechar as fronteiras dos países ao fluxo de pessoas. Na verdade, existem diversos movimentos políticos que defendem esta última solução. Como exemplo, encontramos o partido *Frente Nacional* em França. O surgimento deste tipo de movimentos está frequentemente associado à crença de que a imigração ameaça a identidade cultural de um país. É importante, contudo, destacar que outras perspetivas defendem que a imigração conduz precisamente ao fenómeno contrário, acrescentando valor cultural aos países. Na verdade, a imigração pode ser vista de um ponto de vista positivo, uma vez que contribui para o

Luso-tropicalismo e atitudes face a imigrantes e refugiados: um estudo com trabalhadores portugueses

Beatriz Costa Nunes Ribau (e-mail:beatrizribau27@gmail.com) 2018

desenvolvimento humano das nações (PNUD, 2004). Mais importante que encerrar o debate entre as duas perspetivas existentes, é fundamental que se continue a procurar soluções para os desafios que os crescentes fluxos migratórios acarretam (PNUD, 2004).

Os dados da última edição do *European Social Survey* (realizada entre 2014 e 2015) mantiveram-se relativamente constantes em comparação com a edição anterior (realizada entre 2002 e 2003), embora o fenómeno da imigração venha a ser, progressivamente, visto de forma mais positiva por diversos países, sendo que os europeus têm vindo a adotar uma posição de maior aceitação à entrada de imigrantes. Entre os vários países estudados, Portugal, Alemanha, Suécia e Noruega destacaram-se pelo aumento de abertura à entrada de imigrantes. A Hungria e a República Checa sofreram uma diminuição do índice de abertura (Ramos, Loureiro & Graça, 2016). É, ainda, importante destacar que o IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) dos países e uma posição de maior abertura à entrada de imigrantes de países pobres não europeus e de imigrantes pertencentes a grupos étnicos percebidos como sendo diferentes da maioria se encontram positivamente relacionados. Na verdade, quanto maior o IDH de um país, maior a abertura da sua população à entrada de imigrantes pertencentes aos grupos mencionados (países pobres não europeus; grupos étnicos percebidos como sendo diferentes da maioria). O mesmo se verifica em relação ao PIB (Produto Interno Bruto) (Ramos, Loureiro & Graça, 2016).

Investigações já realizadas levam ainda a crer que o aumento da chegada de imigrantes a determinados países não se encontra relacionado com o aumento de atitudes negativas face à imigração nesses mesmos países (e.g., Semyonov, Raijman & Gorodzeisky, 2008).

De acordo com Vala e Castro (2013), as representações sociais auxiliam os indivíduos na compreensão e atribuição de significado aos acontecimentos. As representações sociais encontram-se, assim, presentes na nossa construção da realidade. De acordo com Moscovici (2000), as representações sociais permitem-nos conhecer aquilo que não nos é familiar. Nesta investigação será estudado o luso-tropicalismo enquanto representação social, tal como em Valentim e Heleno (2018) e a sua relação com as atitudes face a imigrantes e refugiados em Portugal numa amostra de trabalhadores portugueses.

A presente investigação encontra-se dividida em 6 partes, sendo elas o Enquadramento conceptual (I), onde é feita uma contextualização dos principais temas em estudo com recurso à revisão de bibliografia; os Objetivos (II), onde são clarificados os objetivos gerais e específicos desta investigação; a Metodologia (III), onde a amostra desta investigação é caracterizada e onde são descritos os instrumentos e procedimentos utilizados; os Resultados (IV), onde são expostos os resultados estatísticos deste estudo; e a Discussão dos resultados obtidos (V). Por fim, são apresentadas na Conclusão (VI) as considerações finais relativas a esta investigação.

## **I – Enquadramento conceptual**

### **Representações Sociais**

O campo da Psicologia Social tem contribuído largamente para o estudo da forma como os indivíduos constroem o mundo que os rodeia e o dotam de significado, o que resultou no surgimento de diversas teorias ao longo do tempo, entre as quais se encontra a Teoria das Representações Sociais (TRS) (Vala & Castro, 2013). A TRS surgiu a partir do interesse em estudar o modo como significamos os acontecimentos, sendo que a construção que fazemos dos mesmos acontece através da interação social e da comunicação entre os indivíduos. Os contextos em que os indivíduos se encontram permitem significações semelhantes dos acontecimentos entre indivíduos do mesmo grupo e significações diferentes dos acontecimentos entre diferentes grupos (Vala & Castro, 2013).

O conceito de representação social surgiu em 1961 com Moscovici, na sua dissertação de doutoramento “La Psychanalyse son image et son public” (Vala & Castro, 2013). Ao usar este conceito, o autor quis explicar como determinada teoria científica se altera quando é difundida na sociedade e modificada pelo “senso comum”. Moscovici referia-se, mais concretamente, à teoria psicanalítica. O autor baseou-se no conceito de representação coletiva proposto por Durkheim, cerca de meio século antes, para desenvolver o conceito de representação social, conferindo-lhe, por sua vez, um carácter mais moderno e aplicado à sociedade em questão e mais heterogéneo e dinâmico (por oposição ao carácter mais estático que

Durkheim lhe atribuía) (Valentim, 2011a). Ao utilizar o conceito de representação social, Moscovici procurou ultrapassar aquilo que considerava serem limitações do conceito de representação coletiva criado por Durkheim. Para Moscovici era importante atualizar o conceito, nomeadamente para que este explicasse o conjunto de diferentes ideias existentes na sociedade, considerando que o conceito de Durkheim apenas explicava como determinadas ideias se conservavam na sociedade, não explicando as mudanças que ocorriam nas mesmas (Vala & Castro, 2013). Além disso, o autor destacou a inexistência de uma preocupação em explicar a estrutura das representações sociais e as suas dinâmicas internas. Assim, e referindo-se às representações sociais, o autor propôs que fosse visto como um *fenómeno* aquilo que previamente era apenas visto como um *conceito* (Moscovici, 2000).

O caráter dinâmico que Moscovici atribuía às representações sociais levou-o a referir-se às mesmas como “representações em construção”. Para Moscovici, o senso comum, fomentando pelas inovações científicas, construía e modificava representações sociais. Simultaneamente, a convivência entre diferentes grupos na sociedade era geradora de mudança (Vala & Castro, 2013). O conceito foi criticado por ser impreciso (Jahoda, 1988, citado por Vala & Castro, 2013), mas Moscovici defendeu a necessidade de o manter aberto e dinâmico. Para o autor, o conceito devia ser fornecedor de orientação para compreender os acontecimentos, não tendo, assim, um caráter meramente descritivo (Vala & Castro, 2013).

As representações sociais apresentam como principais características o facto de serem coletivas, isto é, de serem partilhadas por um conjunto de pessoas e disseminadas, por exemplo, através dos meios de comunicação; e, ainda, a sua mesclagem, uma vez que estas representações são compostas por diferentes imagens e conceitos (Valentim, 2011a). Estas representações constituem um mecanismo através do qual é construída a realidade social, sendo úteis para que os indivíduos interpretem os acontecimentos. Representam, ainda, conhecimentos do senso comum relativamente a conceitos abstratos que podemos encontrar (por exemplo, o conceito de doença mental ou de direitos humanos) (Valentim, 2011a). Compartilhadas por um determinado grupo, contribuem para a perceção de existência de uma realidade comum entre os seus membros (Cabecinhas,



2004).

Existem, ainda, dois processos que devem ser destacados no que diz respeito à construção de representações sociais: a ancoragem e a objetivação. A ancoragem representa um mecanismo através do qual ideias desconhecidas são ancoradas à realidade conhecida, de forma a reduzir o desconhecimento sobre as mesmas. Moscovici (2000) utilizou como exemplo o facto de alguém religioso procurar razões de ordem religiosa para compreender o comportamento de uma pessoa que não conhece. Por sua vez, a objetivação procura tornar mais concreto o que é abstrato aos nossos olhos. Estes mecanismos permitem tornar o desconhecido em algo familiar (Moscovici, 2000).

Apesar da enorme expansão e difusão da TRS desde o seu surgimento, nos últimos anos esta teoria não foi isenta de críticas e foi perdendo expressão no que diz respeito à investigação científica realizada na Europa, especialmente pela difusão e predominância de abordagens centradas nos níveis de análise individual e interindividual em detrimento de outras abordagens. Simultaneamente, também o contributo das neurociências, essenciais para a compreensão de diversos fenómenos, tem sido cada vez maior. É fundamental tornar rigorosa a investigação realizada no campo das representações sociais, do ponto de vista metodológico e do ponto de vista teórico-conceptual (Valentim, 2013).

As representações sociais são úteis, pois permitem aos indivíduos estudar os acontecimentos não só do ponto de vista dos níveis intraindividual e interindividual (Valentim, 2013). De acordo com Doise (1986) é próprio da psicologia social a articulação entre diferentes níveis de análise. A TRS permite, ainda, uma melhor compreensão dos processos de transformação social, podendo, ainda, ser vista como um possível impulsor dos mesmos (Valentim, 2013).

### **Luso-tropicalismo**

As conceções luso-tropicalistas surgiram em 1933, sendo estas um produto da obra do cientista social brasileiro Freyre<sup>1</sup>. Freyre valorizava a mestiçagem e identificou positivamente a cultura africana, o que causou um grande impacto numa época em que o racismo era aceite tanto do ponto de

---

<sup>1</sup> Livro “Casa-Grande & Senzala”.

vista político como do ponto de vista intelectual. Na sua obra, o autor elogiou, ainda, aquilo a que se referia como a capacidade dos portugueses para a miscigenação, diferente da de outros povos, considerando que o português era desprovido de orgulho racial. O luso-tropicalismo surgiu, então, como forma de explicar aquilo que Freyre considerou ser o sucesso da colonização portuguesa caracterizada pela miscigenação dos povos (Schneider, 2012).

Segundo Freyre, o luso-tropicalismo representaria uma aptidão especial dos portugueses para o estabelecimento de contacto com populações dos trópicos. Esta aptidão conferia aos portugueses o alicerce para relações mais harmoniosas e pacíficas com pessoas oriundas de diferentes regiões e com culturas distintas da portuguesa. Na designação de luso-tropicalismo encontra-se presente uma presumida ausência de preconceito por parte da população portuguesa para com outras populações e, ainda, uma maior facilidade na adaptação dos portugueses aos trópicos (Valentim & Heleno, 2018).

É possível compreender que, de algum modo, as ideias de Freyre passaram despercebidas entre 1930 e 1940 em Portugal, nomeadamente pela visão demasiado positiva que o autor atribuía à mestiçagem num contexto onde o orgulho racial e o racismo predominavam. Com o passar do tempo, as ideias luso-tropicalistas foram sendo difundidas e largamente aceites nos meios intelectuais e políticos em Portugal, especialmente pela utilização que foi dada às ideias luso-tropicalistas como justificadoras da colonização portuguesa (Schneider, 2012). Foi após a 2ª Guerra Mundial que o Estado Novo se apropriou das ideias de Freyre. Neste período, surgiu um crescente movimento anticolonialista e pressões da Organização das Nações Unidas (ONU) para a libertação das colónias portuguesas, o que era oposto aos interesses do regime salazarista. Assim, o luso-tropicalismo de Freyre serviu o propósito de legitimar a permanência portuguesa em África. Convém, contudo, salientar que nem todas as ideias de Freyre foram utilizadas pelo regime salazarista, entre as quais se encontra a valorização da mestiçagem (Castelo, 2011).

A apropriação política das ideias de Freyre esteve presente em aspetos como a mudança do nome das colónias para “províncias ultramarinas” nos documentos oficiais (Schneider, 2012). A propaganda do

Estado Novo passou, assim, a incluir diversas ideias luso-tropicalistas. Estas ideias passam até a ser incluídas na educação das crianças através dos manuais escolares durante o período salazarista (Mendes & Valentim, 2012). Simultaneamente, o luso-tropicalismo difunde-se em áreas como a antropologia, a geografia, a ciência política e, ainda, a psicologia social (Valentim, 2011b).

É importante, contudo, salientar que a teoria luso-tropicalista não permaneceu isenta de críticas. Na verdade, várias foram as críticas que surgiram relativamente ao luso-tropicalismo, principalmente no que diz respeito ao carácter científico que vários autores tinham procurado dar ao conceito (Castelo, 1998). Buanga Fele terá criticado a generalização realizada na obra de Freyre do caso brasileiro para as restantes colónias portuguesas (Heleno, 2015). A teoria de que a colonização portuguesa foi tão pacífica como o descrito por Freyre já foi, também, posta em causa. De acordo com Coelho (2016), durante o período colonial, Portugal terá sido responsável pela deportação de Africanos e pela morte de Índios num número semelhante ao número de mortos causadas pelo holocausto nazi.

Apesar das críticas à teoria luso-tropicalista, estas ideias sobrevivem, sendo possível encontrá-las presentes atualmente em aspetos como o discurso dos portugueses em determinados momentos. Valentim e Heleno (2018) utilizam como exemplo as competições desportivas nas quais Portugal participa e onde é frequentemente elogiada a capacidade dos portugueses para a harmonia multicultural.

Por último, é importante referir que o luso-tropicalismo pode ser estudado à luz das representações sociais, pois as representações do colonialismo constituem, atualmente, uma forma de construir a realidade, influenciando a forma como pensamos em nós e nos outros (Valentim & Heleno, 2018). A crença na ausência de preconceito dos portugueses para com outros povos foi ainda pouco estudada no que diz respeito à sua associação com o luso-tropicalismo. As investigações existentes parecem, contudo, apontar para uma associação entre o luso-tropicalismo e o preconceito, o que não é congruente com a teoria defendida por Freyre (e.g., Valentim & Heleno, 2018).

### Preconceito e Discriminação

De acordo com Marques, Páez e Pinto (2013), máximas como “os portugueses são hospitaleiros” ou “os ingleses são *snoobs*” estão associadas a estereótipos. Os estereótipos, embora possam ser definidos de diversas formas, representam estruturas cognitivas de conhecimento, intimamente ligadas à forma como julgamos e avaliamos os grupos e os seus membros, seja por características como a raça, o sexo, a origem geográfica ou social, ou por outras. De acordo com Lippmann (1922), os estereótipos permitem a criação de “imagens nas nossas cabeças” que nos possibilitam compreender os grupos e seus membros.

Allport (1954) definiu o preconceito como sendo uma atitude negativa em relação ao outro pelo simples facto de este pertencer a um grupo social ao qual estão associadas características negativas. Esta atitude seria composta por uma componente cognitiva, através de uma generalização categorial, e por uma componente disposicional, que levaria a uma hostilidade para com os membros do grupo em questão e a comportamentos discriminatórios (Pereira, Torres & Almeida, 2003).

Tajfel (1982) procurou explicar a discriminação como uma forma de diferenciar os membros do endogrupo em relação ao exogrupo, atribuindo características mais positivas ao endogrupo. Através da categorização social, os indivíduos desenvolveriam crenças relativamente ao seu grupo de pertença e aos restantes grupos, procurando manter uma identidade social positiva. A maior identificação com o grupo de pertença levaria a uma maior diferenciação com outros. A Teoria da Identidade Social (TIS), desenvolvida por Tajfel e Turner, procurou explicar como utilizamos informação sobre os outros grupos para reforçar a nossa identidade positiva. Segundo a TIS, a comparação com o exogrupo, que confira ao endogrupo características mais positivas, faz parte das relações entre grupos (Cabecinhas & Lázaro, 1997).

É, ainda, importante, referir que a categorização social mencionada anteriormente, envolve um processo de *acentuação* das semelhanças dentro da mesma categoria (assimilação intracategorial) e das diferenças entre categorias (diferenciação intercategorial) (Marques, Páez & Pinto, 2013). O processo de socialização que decorre desde a infância permite aos indivíduos a construção destas categorias. De acordo com Tajfel (1969), categorizar outra pessoa, ao contrário de categorizar um objeto, implica, ainda, que se

realize um juízo de valor, pois será conferido à pessoa em questão o valor que é conferido ao seu grupo. Fiske e Neuberg (1990, citados por Marques, Páez & Pinto, 2013) destacam, ainda, que quando nos deparamos com um indivíduo pela primeira vez utilizamos características primitivas – género, idade ou raça – para o avaliar. Só posteriormente é possível ter uma perceção individualizada da pessoa e deixar de utilizar as categorias primitivas.

As pessoas procuram, então, avaliar o endogrupo positivamente, através do processo de comparação com o exogrupo. Para a realização desta avaliação recorrem a categorias de comparação que permitam beneficiar o endogrupo (Monteiro, 2013).

Em algumas situações, os estereótipos conduzem à construção de preconceitos. Os preconceitos situam-se ao nível de atitudes negativas em relação a determinado grupo e seus membros. Quando este se manifesta ao nível do comportamento, assume a forma de discriminação (Hogg & Vaughan, 2005). O preconceito pode ser visto como um precursor da discriminação, da exclusão e até da violência entre os indivíduos (Bandeira & Batista, 2002).

A discriminação, embora condenada em muitos países do ponto de vista social e jurídico, é um fenómeno que tem vindo a persistir, nomeadamente no que diz respeito às relações com grupos minoritários. Contudo, é importante salientar que a mesma nem sempre é expressada de forma explícita. Na verdade, a investigação sugere uma tendência para o uso de justificações em relação comportamentos discriminatórios para com grupos minoritários quando estas aparentam não traduzir preconceito. Assim, a utilização de argumentos socialmente aceites conduz a uma não perceção da existência de discriminação, mesmo quando esta pode estar presente (Pereira & Vala, 2010). Pereira, Torres e Almeida (2003) salientam a existência de dois tipos de preconceito – o clássico, no qual existe a expressão explícita de comportamentos hostis para com outros, e um novo, no qual esta hostilidade apenas é manifestada de uma forma mais indireta.

De acordo com Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto e Cruz (2013), nem toda a discriminação é negativa. Na verdade, de acordo com os autores, a *discriminação positiva* é importante no sentido de garantir igual acesso a determinados direitos a grupos que, por vezes, se encontram em situação desfavorecida em relação a outros (por exemplo, minorias como os

imigrantes).

No que diz respeito ao tema desta dissertação, é possível compreender que o conceito criado por Freyre atribuía aos portugueses características particularmente positivas, nomeadamente no que diz respeito a uma ausência de preconceito por parte dos portugueses para com outros povos. Investigações realizadas no que diz respeito a esta associação (Valentim & Heleno, 2018) têm, contudo, revelado um efeito ineficaz das representações sociais do luso-tropicalismo na diminuição do preconceito.

### **Migrações em Portugal**

A migração pode ser definida como a “transição física, de um indivíduo ou grupo, de uma sociedade para a outra (...) que envolve habitualmente o abandono de um quadro social e a entrada num outro” (Eisenstad, 1953, p.58, citado por Rodrigues et al., 2013), podendo esta transição ser de natureza voluntária ou involuntária (Rodrigues et al., 2013).

Nos últimos anos, a Europa tem-se deparado com um enorme fluxo migratório, nomeadamente de migrantes em procura de asilo como os refugiados do confronto armado na Síria (UNHCR, 2015). Assim, atualmente muitas pessoas deslocam-se, não só devido à globalização e à mobilidade de pessoas inerente à mesma, mas, também, devido aos conflitos que surgiram nos países dos quais são oriundos (Ramos, Loureiro & Graça, 2016).

Do ponto de vista histórico, é possível compreender que os fluxos migratórios entre Portugal e outros países são uma realidade antiga, ressaltando como momentos de relevo períodos como a Guerra Colonial, quando, por exemplo, a população cabo-verdiana ocupou postos de trabalho de portugueses que cumpriam serviço militar (Rocha-Trindade et. al, 1995, citado por Rodrigues et al, 2013); e, ainda, momentos como a adesão à Comunidade Económica Europeia (CEE) e estabelecimento do acordo de Schengen<sup>2</sup> que conduziram a novas vagas migratórias (Fonseca, 2008).

Embora Portugal seja um país com uma grande tradição de emigração,

---

<sup>2</sup> O Acordo de Schengen representa um acordo entre países europeus entre os quais existe uma abertura das fronteiras e livre circulação de pessoas. Segundo a Comissão Europeia, cerca de 11 milhões de cidadãos membros da UE já beneficiaram deste direito, vivendo agora noutra estado-membro. Muitos outros cidadãos já beneficiaram no que diz respeito, por exemplo, a viagens de trabalho ou turismo.

é possível destacar, também, a existência de fluxos de imigrantes no país. Registou-se, a partir de 2001, uma grande subida no número de imigrantes em Portugal. Este aumento sofreu, contudo, uma quebra a partir de 2010 (SEF, 2016). Rodrigues et al. (2013) apontaram, para além da dificuldade na obtenção de nacionalidade portuguesa<sup>3</sup>, a crise económica em Portugal como um dos fatores para a diminuição da imigração a partir de 2010. Em 2016 assistiu-se, novamente, à inversão da tendência de decréscimo da imigração, havendo um aumento de 2.3% do número de imigrantes em comparação com o ano de 2015. Em 2016, registaram-se 397.731 cidadãos estrangeiros titulares de autorização de residência em Portugal (SEF, 2016).

Estes fluxos migratórios levam à necessidade de refletir sobre o conjunto de culturas existente no nosso país. Os imigrantes em Portugal são provenientes de diferentes países e continentes (Rodrigues et al., 2013). De acordo com o SEF (2016), os brasileiros representam a principal comunidade estrangeira a residir em Portugal, representando 20.4% da população imigrante total (81.251 cidadãos). Aos brasileiros, seguem-se os cabo-verdianos (9.2%), os ucranianos (8.7%) e os romenos (7.7%). China, Angola, Reino Unido e França, entre outros, também se encontram entre os países dos quais os imigrantes residentes em Portugal são provenientes, ainda que em menor percentagem que os países já mencionados.

O *European Social Survey* (2016) procurou averiguar de que forma é que os fluxos migratórios na Europa são atualmente compreendidos pelos europeus, estudando quais as atitudes dos europeus para com diferentes imigrantes e refugiados. Os dados recolhidos permitiram compreender que as atitudes face aos imigrantes e ao fenómeno da imigração se mantiveram relativamente estáveis entre 2002/2003 e 2014/2015, registando-se, contudo, uma maior abertura à imigração em diversos países. Em Portugal, a tendência foi semelhante à média europeia no que diz respeito a uma maior abertura para a entrada de imigrantes de países pobres não europeus, de imigrantes muçulmanos, e de imigrantes provenientes de grupos étnicos

---

<sup>3</sup> A Lei da Nacionalidade confere, em Portugal, a atribuição de nacionalidade portuguesa a indivíduos (descendentes de imigrantes) nascidos em Portugal, caso um dos progenitores tenha nascido ou resida em Portugal. Direito à naturalização de menores nascidos em solo português (um dos progenitores tem de ser legal e residir em Portugal há cinco anos ou o menor tem de aqui concluir o 1º ciclo). Casamento/União de facto judicialmente reconhecido com um cidadão português (<http://www.nacionalidade.sef.pt/>).

percebidos como diferentes da maioria em comparação com o período 2002/2003. É importante, contudo, destacar que embora a abertura à entrada de imigrantes dos grupos mencionados em Portugal seja superior em 2014/2015 em comparação com o período anterior, existem diversos países nos quais a abertura à entrada de imigrantes e refugiados é superior a Portugal como, por exemplo, a Suécia, a Alemanha e a Noruega (Ramos, Loureiro & Graça, 2016).

No que diz respeito, em particular, às migrações de carácter involuntário, nomeadamente ao fluxo de refugiados, é importante referir que, de acordo com o UNHCR (2015), no final do ano de 2015 existiam no mundo cerca de 21.3 milhões de refugiados devido a conflitos armados e guerras. Em resposta a esta crise humanitária, diversos países da Europa, entre os quais Portugal, terão aprovado o acolhimento de refugiados. Alguns países, como a Hungria ou a Áustria, recusaram (Postelnicescu, 2016).

Os dados do *European Social Survey* 2014/2015 revelaram, ainda, que os portugueses realizam uma menor associação entre os conceitos *imigrante* e *refugiado* do que habitantes de outros países Europeus. Isto quer dizer que os portugueses tendem a ver os refugiados como um grupo diferente do grupo imigrantes (Ramos, Loureiro & Graça, 2016).

### **Implicações para o local de trabalho**

As economias e os negócios de hoje são, em grande medida, internacionais, nomeadamente pelo fenómeno de globalização. Em ambientes globais, entre outros aspetos, é necessário que as organizações saibam comunicar com diferentes grupos de pessoas. A própria força de trabalho reúne, frequentemente, pessoas de diferentes nacionalidades. Na verdade, “a força de trabalho de hoje não se parece com a do passado” (p. 92), sendo diversificada, por exemplo, em termos de capacidades linguísticas e *background* cultural. A diversidade encontra-se, assim, também presente nas organizações (Gibson, Ivancevich, Donnelly & Konopaske, 2011).

A diversidade cultural presente no mercado de trabalho motiva, por vezes, a discriminação de minorias étnicas. Os direitos dos imigrantes e das minorias étnicas têm sido um assunto alvo de discussão e preocupação para diversos organismos, nomeadamente a Organização das Nações Unidas (ONU) (Taran & Beijl, 2004). De acordo com Taran e Beijl (2004), a



discriminação no acesso ao trabalho no que diz respeito a minorias como os imigrantes é uma realidade que deve ser combatida, nomeadamente através de políticas antidiscriminação. Os autores ressaltam que deve ser tido em consideração pelos governos dos países a proteção dos direitos dos migrantes e dos trabalhadores pertencentes a minorias. A Organização Internacional do Trabalho, agência incorporada na ONU, tem como um dos seus objetivos o aspeto descrito na linha anterior, procurando a utilização de medidas de teste para o estudo de questões relativas às relações laborais em vários países (Bélgica, Canadá, Dinamarca, Finlândia, Grécia, Itália, Países Baixos, Espanha, Suécia, Reino Unido e Estados Unidos). Além disto, este organismo procura a promoção de políticas de integração de imigrantes (Taran & Beijl, 2004).

De acordo com Gondim, Techio, Paranhos, Moreira, Brantes, Sobrinho, & Santana (2013) é extremamente relevante ter em conta as migrações no que diz respeito ao contexto laboral, uma vez que, com fronteiras cada vez mais flexíveis, do ponto de vista social, económico, territorial e cultural, a concorrência no mercado de trabalho torna-se cada vez maior, passando a incluir não só os endógenos, como os estrangeiros. Lidar com a diversidade, também do ponto de vista das relações laborais, é agora um desafio para os países e para as organizações. O desenvolvimento de políticas de integração por parte do Estado encontra-se intimamente ligado a este fenómeno (Rodrigues et al., 2013).

De acordo com Taran e Beijl (2004) são diversos os fatores que levam os imigrantes a se encontrarem, por vezes, prejudicados no que diz respeito aos direitos laborais e às oportunidades de emprego, nomeadamente a falta de uma rede de contacto no país de chegada e a falta de conhecimento em relação ao mesmo, por exemplo, ao nível da língua e do conhecimento dos costumes e cultura.

Pelos aspetos acima referidos torna-se relevante refetir e estudar o tema da integração de imigrantes e refugiados no mercado de trabalho, sobretudo pela diversidade cultural presente em Portugal. Novamente, o campo das representações sociais poderá ser útil para compreender como as pessoas atribuem características ao endogrupo e ao exogrupo, particularmente quando este é constituído por imigrantes e refugiados.

## II – Objetivos

Esta investigação parte do domínio das representações sociais e procura estudar até que ponto as representações luso-tropicalistas se encontram presentes entre trabalhadores portugueses. Além disso, procura averiguar qual a sua associação com a aceitação de discriminação nas relações laborais entre portugueses e estrangeiros e, ainda, com a posição de abertura ou de restrição dos trabalhadores portugueses em relação à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal. É, ainda, objetivo da presente investigação compreender quais as implicações dos aspetos referidos no contexto laboral português.

### Objetivos específicos:

- i. Contribuir para o aumento da robustez e da fidelidade das escalas de Luso-tropicalismo, de Autocaracterização e de Aceitação de discriminação;
- ii. Conhecer até que ponto representações sociais luso-tropicalistas continuam presentes na população portuguesa;
- iii. Conhecer qual a posição de uma amostra de trabalhadores portugueses em relação à aceitação de discriminação nas relações entre trabalhadores portugueses e trabalhadores estrangeiros;
- iv. Conhecer até que ponto a amostra desta investigação é favorável à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal;
- v. Conhecer como se associa o Luso-tropicalismo às atitudes face a imigrantes e refugiados em Portugal.

Independentemente dos resultados desta investigação é importante destacar que a mesma terá um contributo para a exploração do tema em questão e possivelmente para o planeamento de investigações futuras.

### III – Metodologia

#### Desenho da investigação

Esta investigação é baseada num plano não-experimental, uma vez que não existe manipulação das variáveis nem se controlam aspetos relacionados com os participantes, tais como as diferenças individuais (Alferes, 1997).

Não existindo manipulação das variáveis, este estudo vai incidir sobretudo na descrição de medidas de tendência central (médias aritméticas) e de medidas de dispersão e variabilidade (desvio-padrão) dos dados obtidos (nomeadamente dos fatores das escalas utilizadas) e na análise de correlações entre variáveis, assumindo, assim, um carácter descritivo e correlacional.

Esta investigação pretende contribuir para a melhoria da estrutura fatorial das escalas de luso-tropicalismo, aceitação de discriminação e autocaraterização e aumento da sua consistência interna.

#### Descrição da amostra

A amostra utilizada nesta investigação é uma amostra por conveniência. Os dados foram recolhidos junto de uma amostra de trabalhadores portugueses entre Novembro de 2017 e Janeiro de 2018 através da utilização de um questionário que foi disponibilizado em formato papel (54.9%) e em formato digital (45.1%).

Foram inquiridos 224 participantes com idades compreendidas entre os 19 anos e os 66 anos ( $M=38.19$ ;  $SD=11.88$ )<sup>4</sup>. Todos os participantes estavam empregados no momento de resposta ao questionário e têm nacionalidade portuguesa.

Entre os 224 participantes, encontram-se 131 mulheres e 93 homens, o que corresponde a 58.5% e 41.5% da amostra, respetivamente.

Quanto ao nível da escolaridade, 68.6% da amostra concluiu o Ensino Superior; 24.1% o 12º ano; e 7.3% o 9º ano ou inferior<sup>5</sup>.

Uma vez que o método utilizado é o questionário auto-administrado, existe a possibilidade de as respostas dos participantes serem influenciadas

---

<sup>4</sup> 4 participantes não apresentaram dados relativos à idade.

<sup>5</sup> 4 participantes não apresentaram dados relativos à escolaridade.

pelo efeito de desejabilidade social, o que significa que as respostas obtidas podem, em alguma medida, ser devidas ao facto de os participantes quererem mostrar uma imagem mais positiva de si mesmos em detrimento de responderem de uma forma mais honesta mas, possivelmente, menos aceitável do ponto de vista social (Robson, 2002). Ainda assim, este método permitiu alcançar uma amostra relativamente considerável de participantes ( $N=224$ ), o que possivelmente não seria possível através da utilização de outro método no intervalo de tempo utilizado para a recolha de dados. Assim sendo, o questionário como método apresentou a vantagem da economia de tempo e da possibilidade de reunir uma amostra mais numerosa (Hill & Hill, 2000).

### **Instrumentos**

Na presente investigação foi utilizado um questionário<sup>6</sup> composto por diferentes itens e escalas descritos de forma sucinta de seguida.

#### **1. Escala de Autocaracterização**

Nesta escala, de Valentim e Heleno (2018) foi apresentado aos participantes um conjunto de 8 características, e foi-lhes pedido para que respondessem em que grau as mesmas se aplicavam a eles mesmos. Os itens foram respondidos numa escala Likert de 7 pontos, em que 1 representa *nunca se aplica* e 7 representa *aplica-se muito frequentemente*. Entre as diferentes características apresentadas podemos encontrar, por exemplo, a característica “Patriota” e a característica “Moderno/a”.

#### **2. Abertura à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal**

Nesta secção, foi pedido aos participantes que respondessem ao item “Na sua opinião, atualmente, qual a política que deveria ser adotada pelo governo português face à entrada em Portugal de refugiados”. Noutro momento, o mesmo item foi replicado para a abertura à entrada de imigrantes: “Na sua opinião, atualmente, qual a política que deveria ser

---

<sup>6</sup> O questionário utilizado encontra-se em *Anexos*.

No questionário estão, ainda, presentes 3 itens de distância social em relação a imigrantes e 3 itens de distância social em relação a refugiados de Neves (2016); e a escala de Perceção de Conflitos, utilizada por Doise, Spini e Clemence (1999) e por Valentim (2003). Estes não foram utilizados nos resultados da presente investigação.

Luso-tropicalismo e atitudes face a imigrantes e refugiados: um estudo com trabalhadores portugueses  
Beatriz Costa Nunes Ribau (e-mail:beatrizribau27@gmail.com) 2018

adotada pelo governo português face à entrada em Portugal de imigrantes”. Os itens foram respondidos numa escala Likert de 7 pontos, em que 1 representa a posição *grande restrição à entrada* e 7 *grande abertura à entrada*.

### 3. Escala de Luso-tropicalismo

A escala de luso-tropicalismo (Valentim & Heleno, 2018) presente no questionário é constituída por 17 itens/afirmações. Os participantes, ao responder deviam indicar numa escala Likert de 7 pontos, em que 1 representa a posição *discordo totalmente* e 7 representa a posição *concordo totalmente*, em que medida concordavam com cada uma das afirmações apresentadas.

Como exemplos de itens presentes nesta escala temos “As características da cultura portuguesa facilitam a integração de pessoas de outras culturas na sociedade portuguesa contemporânea” ou ainda “As pessoas de outras culturas são mais respeitadas em Portugal do que noutros países”.

Quatro itens da escala encontravam-se invertidos, sendo eles: “As pessoas de outras culturas têm mais dificuldade em integrar-se na sociedade portuguesa do que noutros países”; “O passado colonial de Portugal foi uma história de violência”; “A história colonial portuguesa caracterizou-se pela exploração e segregação dos povos colonizados”; “Hoje em dia, a harmonia entre os portugueses e as pessoas de outras culturas é pequena comparada com a de outros países”. Antes de iniciar a análise de dados foi importante ter isto em conta e alterar a pontuação destes itens, de modo a que quanto maior fosse a pontuação no item maior a adesão ao luso-tropicalismo.

### 4. Escala de Aceitação de discriminação

A escala de aceitação de discriminação utilizada no questionário (Gondim et al. 2013) procura estudar atitudes em relação a um conjunto de comportamentos relativos às relações laborais entre portugueses e estrangeiros. Nesta escala os participantes responderam em que medida concordavam com um conjunto de comportamentos nas relações entre os trabalhadores portugueses e os estrangeiros. Como exemplos de itens desta escala: “Tentar fazer amizade com eles” ou “Evitar cumprimentá-los”.

A escala tem 21 itens. Os participantes, ao responder deveriam indicar numa escala Likert de 7 pontos, em que 1 representa a posição *discordo totalmente* e 7 representa a posição *concordo totalmente*, em que medida concordavam com cada uma das afirmações apresentadas.

#### 5. Dados sociodemográficos

Por último, foram pedidos alguns dados sociodemográficos aos participantes, nomeadamente a nacionalidade, o sexo, a idade, a escolaridade e a profissão.

### **Procedimentos de investigação adotados**

Os dados recolhidos através do questionário utilizado nesta investigação foram posteriormente inseridos e analisados através do *software* estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) versão 20. De acordo com Field (2009), este *software* é um dos mais utilizados na análise estatística e permitiu uma enorme facilitação no tratamento de dados ao longo dos últimos anos.

#### **1. Estatísticas descritivas**

Numa fase inicial foram analisadas estatísticas descritivas em relação à amostra e às diferentes escalas utilizadas. Foi recolhida informação relativa às medidas de tendência central (médias aritméticas) e às medidas de dispersão e de variabilidade (desvios-padrão). Estas medidas permitiram uma melhor compreensão dos dados, o que foi um facilitador de todas as análises realizadas posteriormente.

#### **2. Análise fatorial exploratória em componentes principais**

Nesta investigação foram utilizadas análises fatoriais em componentes principais para as escalas de luso-tropicalismo, de aceitação de discriminação e de autocaracterização. Antes da realização estas análises, foi necessário compreender em que medida este tipo de análise se adequava à amostra desta investigação, no sentido de confirmar a viabilidade da realização da mesma. Foi utilizada a medida de adequação da amostra de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) e o teste de esfericidade de Bartlett.

Através do procedimento descrito, foi possível verificar que era viável realizar análises em componentes principais para as 3 escalas

Luso-tropicalismo e atitudes face a imigrantes e refugiados: um estudo com trabalhadores portugueses

Beatriz Costa Nunes Ribau (e-mail:beatrizribau27@gmail.com) 2018

referidas. O principal objetivo da realização de uma análise fatorial é a agrupação dos diversos itens de uma escala em diferentes dimensões. Este procedimento facilita a interpretação dos dados no seu conjunto final (Field, 2009).<sup>7</sup>

Para a realização da análise em componentes principais (ACP) foi utilizada uma rotação ortogonal *varimax* e foram ocultadas as saturações dos itens inferiores a 0.40, o que facilitou o processo de análise dos dados (Field, 2009).

Após a obtenção dos fatores de cada uma das 3 escalas já mencionadas, foram averiguadas as medidas de tendência central (médias aritméticas) para cada um dos fatores extraídos, bem como as medidas de dispersão (desvios-padrão).

Para a análise dos itens relacionados com a abertura à entrada de imigrantes e refugiados, procedeu-se à análise das suas estatísticas descritivas (médias e desvios-padrão).

### **3. Análise das correlações de Pearson**

Posteriormente à realização das análises descritas no ponto anterior foram analisadas as correlações entre os diferentes fatores obtidos, nomeadamente entre os fatores da escala de luso-tropicalismo e os fatores da escala de aceitação de discriminação e os fatores da escala de luso-tropicalismo e os fatores da escala de autocaracterização.

Realizaram-se, ainda, correlações entre os fatores do luso-tropicalismo e os itens de abertura à entrada de imigrantes e refugiados.

---

<sup>7</sup> De acordo com Field (2009), a análise fatorial permite reduzir um conjunto de dados a dimensões, mais fáceis de interpretar. É importante que se salvide o máximo de informação possível durante a realização desta análise.

## IV – Resultados

### Análises fatoriais exploratórias em componentes principais

#### 1. Luso-tropicalismo

Antes de iniciar a análise fatorial em componentes principais da escala de luso-tropicalismo, foi verificada a viabilidade da sua realização na amostra recolhida. Para o efeito, foi utilizado o teste dos pressupostos KMO e o teste de esfericidade de Bartlett. A medida de adequação de KMO teve um valor de 0.829 – valor que, segundo Pestana e Gageiro (2005), é indicador de um bom nível de adequação. O teste de esfericidade de Bartlett mostrou resultados significativos:  $\chi^2(91) = 845.228, p < .001$ .

Após a averiguação da viabilidade da realização da análise fatorial em componentes principais para esta escala, a solução adotada para a sua realização teve como critério a existência de valores próprios superiores a 1.

Foi obtida uma análise em componentes principais que distribuía os 17 itens da escala de luso-tropicalismo em 5 fatores. Contudo, verificou-se a existência de diversos itens com saturação superior a 0.40 em mais do que um fator<sup>8</sup>. Por esta razão e, baseando-me em estudos anteriores (Valentim & Heleno, 2018) decidi optar por uma solução com 4 fatores. Contudo foi, novamente, verificada a existência de itens com saturação muito elevada em mais do que um fator<sup>9</sup>. Por esta razão, a solução final foi uma análise fatorial em componentes principais com 3 fatores, tal como em Duarte (2016). Os 3 fatores em conjunto permitem explicar 52.46% da variância total.

Desta análise foram, ainda, excluídos 2<sup>10</sup> itens por apresentarem uma saturação superior a 0.40 em mais do que um fator, não sendo possível

---

<sup>8</sup> Os itens que inicialmente saturaram em mais que um fator foram: “A história colonial portuguesa caracterizou-se pela integração cultural com os povos colonizados”; “Faz parte da tradição portuguesa relacionar-se bem com outros povos”; “O passado colonial de Portugal foi uma história de violência”; “As características dos portugueses favoreceram um processo de colonização marcado pelo convívio harmonioso entre povos”; “De uma forma geral, a impressão que os portugueses têm dos imigrantes que vivem em Portugal é boa”.

<sup>9</sup> Itens “A história colonial portuguesa caracterizou-se pela integração cultural com os povos colonizados”; “O passado colonial de Portugal foi uma história de violência”; “As características dos portugueses favoreceram um processo de colonização marcado pelo convívio harmonioso entre povos” e “A história colonial portuguesa caracterizou-se pela exploração e segregação dos povos colonizados”.

<sup>10</sup> Os itens excluídos foram: “O passado colonial de Portugal foi uma história de violência”; “A história colonial portuguesa caracterizou-se pela exploração e segregação dos povos colonizados”.



enquadrá-los em dois fatores em simultâneo, pois o seu conteúdo não ia de encontro ao conteúdo de ambos os fatores. Foi, ainda, excluído um item por apresentar saturação inferior a 0.40 em todos os fatores.<sup>11</sup> Assim, no total foram excluídos 3 itens da escala de luso-tropicalismo e a solução final é composta por 14 itens.

Os resultados desta análise encontram-se presentes na Tabela 1. Nesta tabela, é possível verificar como os itens da escala se encontram distribuídos nos três fatores referidos. O primeiro fator, responsável por 21.45% da variabilidade, é constituído por itens que põem em evidência a história colonial portuguesa, pelo que foi designado por *Passado Colonial*. Este fator coincide com o fator encontrado por Valentim e Heleno (2018).

O segundo fator foi designado *Adaptabilidade Harmoniosa*, tal como em Duarte (2016), uma vez que o conteúdo dos seus itens põe em evidência aspetos relacionados com a facilidade de adaptação dos portugueses a outras regiões, bem como a facilidade de adaptação de outras culturas a Portugal e, ainda, a existência de uma relação de harmonia e de ausência de racismo entre portugueses e pessoas de outros povos. Este fator é responsável por 20.23% da variabilidade. Este fator pode ser considerado o conjunto de dois fatores encontrados por Valentim e Heleno (2018), sendo eles os fatores *Relações Harmoniosas* e *Capacidade de adaptação*.

Por último, o terceiro fator encontrado é responsável por 10.77% da variabilidade. Este fator põe em destaque aspetos relacionados com questões culturais e foi designado *Integração Cultural*. Este fator foi igualmente descrito em investigações anteriores (Duarte, 2016; Valentim & Heleno, 2018).

Após a realização da análise em componentes principais da escala de luso-tropicalismo, foi analisada a consistência interna de cada um dos três fatores descritos, através do alfa de Cronbach. Os fatores *Passado Colonial* ( $\alpha=0.788$ ) e *Adaptabilidade Harmoniosa* ( $\alpha=0.749$ ) apresentaram bons resultados no que diz respeito à sua consistência interna. O fator *Integração Cultural* ( $\alpha=0.605$ ) apresentou um resultado mais baixo mas aceitável como medida de consistência interna (Field, 2009).

---

<sup>11</sup> “As pessoas de outras culturas são mais respeitadas em Portugal do que noutros países”.

**Tabela 1. Luso-tropicalismo** – Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 3 fatores após rotação varimax (N=220)

Itens	M	SD	Fatores		
			Passado Colonial	Adaptabilidade Harmoniosa	Integração Cultural
A história colonial portuguesa caracterizou-se pela integração cultural com os povos colonizados.	4.39	1.26	<b>.61</b>	.31	-.02
A história colonial portuguesa caracterizou-se pela mestiçagem com os povos colonizados.	4.69	1.14	<b>.53</b>	.27	-.25
A história colonial portuguesa foi mais pacífica e benevolente do que a de outras potências coloniais.	4.23	1.19	<b>.77</b>	.07	-.03
As características dos portugueses favoreceram um processo de colonização marcado pelo convívio harmonioso entre povos.	4.62	1.13	<b>.70</b>	.30	.01
Ao longo da história da colonização, os portugueses demonstraram uma singular capacidade de adaptação à vida nas regiões tropicais.	4.98	1.04	<b>.55</b>	.30	.17
A colonização portuguesa não teve o carácter opressivo que se verificou no caso de outras nações.	4.11	1.15	<b>.79</b>	-.08	.07
As características da cultura portuguesa facilitam a integração de pessoas de outras culturas na sociedade portuguesa contemporânea.	5.16	.99	.08	<b>.68</b>	.09
Comparando com os outros países europeus, pode dizer-se que em Portugal existe menos racismo.	4.50	1.23	-.08	<b>.73</b>	.08
As tensões e conflitos entre os portugueses e as pessoas de outras origens são pequenas comparadas com as de outros países.	5.09	1.02	.29	<b>.63</b>	-.01
Faz parte da tradição portuguesa relacionar-se bem com outros povos.	5.51	.91	.26	<b>.69</b>	.23
De uma forma geral, a impressão que os imigrantes que vivem em Portugal têm dos portugueses é boa.	5.19	.87	.31	<b>.57</b>	.03
De uma forma geral, a impressão que os portugueses têm dos imigrantes que vivem em Portugal é boa.	4.54	1.09	.25	<b>.48</b>	.16
As pessoas de outras culturas têm mais dificuldade em integrar-se na sociedade portuguesa do que noutros países (invertido).	4.80	1.15	.09	.15	<b>.83</b>
Hoje em dia, a harmonia entre os portugueses e as pessoas de outras culturas é pequena comparada com a de outros países (invertido).	4.57	1.22	-.10	.15	<b>.79</b>

Nota: As saturações dos itens retidos em cada fator estão apresentadas a negrito.

Por fim, no que diz respeito aos valores médios, o fator *Passado Colonial* obteve uma média de 4.51 ( $SD=.79$ ), o fator *Adaptabilidade Harmoniosa* obteve uma média de 4.99 ( $SD=.68$ ) e o fator *Integração Cultural* obteve uma média de 4.68 ( $SD=.99$ ). As médias dos 3 fatores encontram-se acima do ponto médio da escala (que é 4), especialmente a média do fator *Adaptabilidade Harmoniosa*. Assim, é possível compreender que os resultados traduzem uma adesão ao luso-tropicalismo na amostra inquirida.

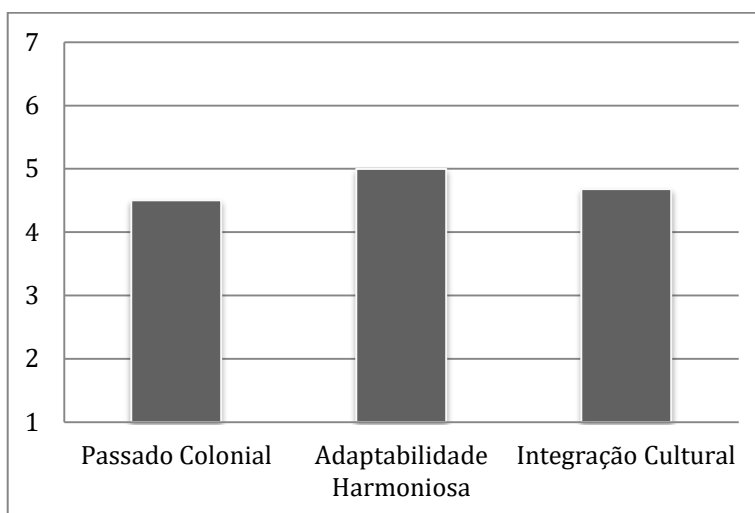


Gráfico 1. Valores médios dos 3 fatores da escala de luso-tropicalismo ( $N=220$ )

## 2. Aceitação de discriminação

Tal como na escala de luso-tropicalismo foi realizada uma análise fatorial de componentes principais para a escala de aceitação de discriminação. A medida de adequação KMO obteve um valor de 0.896, indicando, assim, um bom nível de adequação (Pestana & Gageiro, 2005) e o teste de esfericidade Bartlett revelou resultados significativos:  $\chi^2(190) = 2695.878, p < .001$ .

Para a realização da análise fatorial em componentes principais foram pedidos 2 fatores como tinha sido feito em investigações anteriores (e.g., Gondim et al., 2013). Os 2 fatores encontrados permitem explicar 54.86% da variância total, sendo que o fator *Hostilidade* explicou 31.31% e o fator *Amabilidade* explicou 23.54% da variabilidade total. Os fatores remetem-nos para uma posição de hostilidade ou de amabilidade no que diz respeito a atitudes nas relações entre trabalhadores portugueses e trabalhadores estrangeiros, tal como é possível ver na Tabela 2. Apenas o

item “Poupá-los de tarefas adicionais em comparação com outros colegas” foi excluído desta análise por apresentar valores de saturação inferiores a 0.40 para ambos os fatores, valor considerado baixo para uma análise em componentes principais.

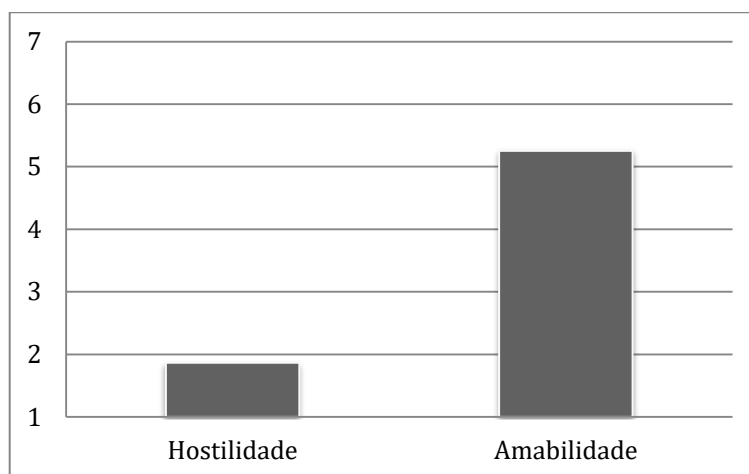
Após a realização da análise em componentes principais da escala de aceitação de discriminação, foi analisada a consistência interna de cada um dos dois fatores encontrados através do Alfa de Cronbach. Os fatores *Hostilidade* ( $\alpha=0.919$ ) e *Amabilidade* ( $\alpha=0.840$ ) apresentaram bons resultados no que diz respeito à sua consistência interna (Field, 2009).

**Tabela 2. Aceitação de discriminação** – Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 2 fatores após rotação varimax ( $N=220$ )

Itens	Fatores			
	M	SD	Hostilidade	Amabilidade
Isolar os colegas	1.92	1.21	<b>.56</b>	-.42
Imitar sotaque para ridicularizar	1.99	1.32	<b>.61</b>	-.40
Dar instruções confusas e prejudiciais	2.02	1.48	<b>.72</b>	-.23
Ignorar a presença	1.93	1.43	<b>.74</b>	-.17
Pedir trabalhos urgentes sem necessidade	1.80	1.23	<b>.80</b>	-.19
Evitar cumprimentar	1.64	1.08	<b>.78</b>	-.29
Criticar excessivamente	2.14	1.51	<b>.60</b>	-.12
Fazer gestos de desprezo	1.93	1.47	<b>.74</b>	-.21
Estragar objeto de trabalho	1.60	1.16	<b>.86</b>	-.09
Fazer telefonemas ameaçadores	1.51	1.09	<b>.85</b>	-.03
Interromper	2.05	1.52	<b>.73</b>	-.08
Tentar fazer amizade	5.54	1.22	-.20	<b>.69</b>
Ensinar o que sabe	5.63	1.21	-.22	<b>.82</b>
Trabalhar na mesma equipa	5.00	1.32	-.22	<b>.66</b>
Evitar colocar alcunhas	4.80	1.74	-.11	<b>.62</b>
Dar razão quando concorda	5.58	1.43	-.22	<b>.71</b>
Elogiar	5.76	1.24	-.25	<b>.76</b>
Evitar induzir em erros	4.98	1.92	-.05	<b>.58</b>
Evitar espalhar rumores	4.51	2.26	.04	<b>.54</b>
Aproximar para aprender	5.46	1.49	-.30	<b>.66</b>

Nota: As saturações dos itens retidos em cada fator estão apresentadas a negrito.

Por fim, no que diz respeito às médias e desvios-padrão, o fator *Hostilidade* obteve uma média de 1.86 ( $SD=.99$ ) e o fator *Amabilidade* obteve uma média de 5.26 ( $SD=1.04$ ). Existe, assim, uma pontuação bastante mais elevada no fator *Amabilidade* em comparação, não apenas com o ponto médio da escala (que é 4), mas especialmente com o fator *Hostilidade*, cuja média se encontra bastante abaixo do ponto médio da escala.



**Gráfico 2.** Valores médios dos 2 fatores da escala de aceitação de discriminação ( $N=220$ )

### 3. Autocaracterização

Por fim, foi novamente utilizada uma análise fatorial de componentes principais para a escala de autocaracterização. Novamente foi verificada a viabilidade da realização desta análise na amostra recolhida. A medida de adequação de KMO teve um valor de 0.817 – valor que é indicador de um bom nível de adequação (Pestana & Gageiro, 2005). O teste de esfericidade de Bartlett mostrou resultados significativos:  $\chi^2(28) = 485.659, p < .001$ .

Após a verificação da viabilidade de realização desta análise, a solução adotada para a sua realização teve como critério a existência de valores próprios superiores a 1.

Os 2 fatores encontrados foram designados por *Nacionalismo Tradicional* e por *Moderno/Supranacional*, como é possível verificar no Quadro 3. As designações dos fatores vêm de encontro ao conteúdo dos itens que compõem cada dimensão. Estes fatores permitem explicar 55.98% da variabilidade, sendo que o fator *Nacionalismo Tradicional* explica 34.65% e o fator *Moderno/Supranacional* explica 21.32% da variabilidade total.

Após a realização da análise em componentes principais da escala de Luso-tropicalismo e atitudes face a imigrantes e refugiados: um estudo com trabalhadores portugueses

autocaracterização, foi analisada a consistência interna de cada um dos dois fatores descritos anteriores, através do alfa de Cronbach. O fator *Nacionalismo Tradicional* apresenta um bom resultado no que diz respeito à sua consistência interna ( $\alpha=.808$ ). Contudo, o fator *Moderno/Supranacional* apresenta um baixo valor de consistência interna ( $\alpha=.509$ ) (Field, 2009).

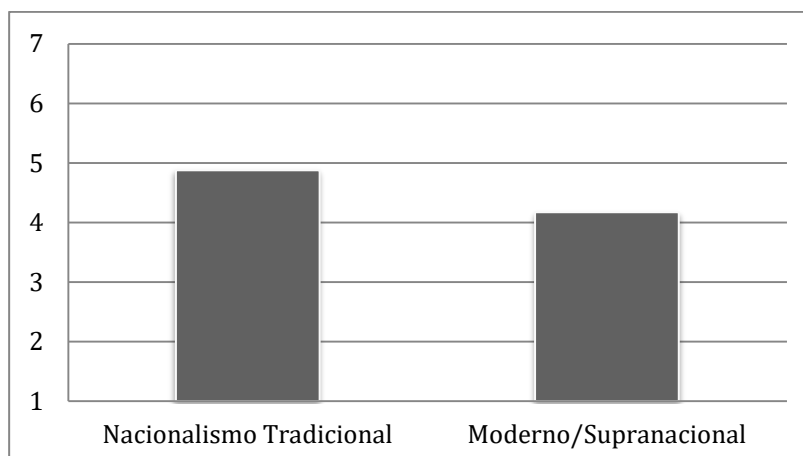
No que diz respeito a esta escala, o fator *Nacionalismo Tradicional* corresponde ao fator encontrado por Valentim e Heleno (2018). O fator *Moderno/Supranacional* é semelhante ao fator *Europeísmo* encontrado por Valentim e Heleno (2008). Nesta investigação, o item “Africanista” da escala foi mantido na análise em componentes principais, ao contrário do que aconteceu na investigação de Valentim e Heleno (2008). Embora o item “Africanista” seja de outra natureza em comparação com os itens “Moderno” e “Europeísta”, este apresentou bons níveis de saturação para o fator.

**Tabela 3. Autocaracterização** – Análise em componentes principais: médias, desvios-padrão, saturação dos itens em 2 fatores após rotação varimax ( $N=220$ )

	M	SD	Fatores	
			Nacionalismo Tradicional	Moderno/Supranacional
Patriota	4.94	1.54	<b>.63</b>	.43
Orgulhoso/a da história do seu país	5.27	1.42	<b>.73</b>	.22
Tradicionalista	4.17	1.53	<b>.72</b>	.06
Orgulhoso/a das suas raízes nacionais	5.50	1.40	<b>.81</b>	.21
Nacionalista	4.47	1.67	<b>.71</b>	.14
Europeísta	4.65	1.51	.27	<b>.72</b>
Moderno	5.11	1.19	-.03	<b>.81</b>
Africanista	2.72	1.65	.29	<b>.48</b>

*Nota:* As saturações dos itens retidos em cada fator estão apresentadas a negrito.

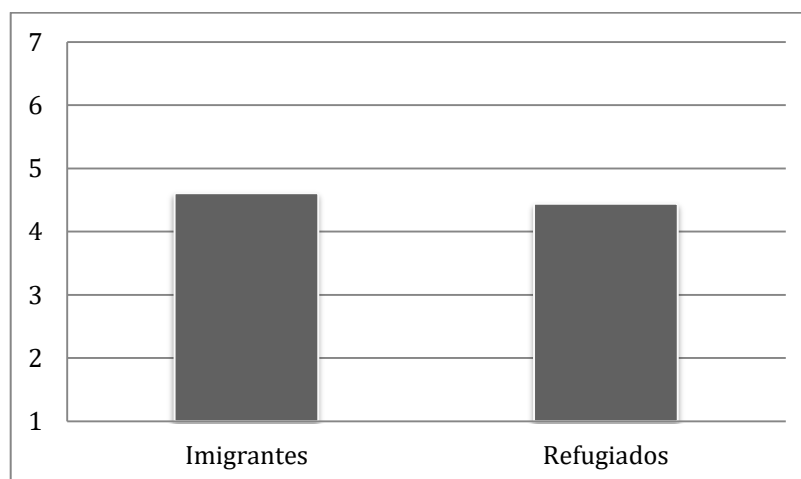
Por fim, no que diz respeito aos valores médios, o fator *Nacionalismo Tradicional* obteve uma média de 4.88 ( $SD=1.13$ ) e o fator *Moderno/Supranacional* obteve uma média de 4.17 ( $SD=1.04$ ). Ambos os fatores encontram-se perto do ponto médio da escala, sendo que o fator *Moderno/Supranacional* se encontra muito próximo deste valor e o fator *Nacionalismo Tradicional* se encontra um pouco acima do mesmo.



**Gráfico 3.** Valores médios dos 2 fatores da escala de autocaracterização ( $N=220$ )

### Abertura à entrada de imigrantes e refugiados

No que diz respeito aos itens de abertura à entrada de imigrantes e refugiados verificou-se uma tendência para a abertura na amostra inquirida. A média para o item de abertura à entrada de imigrantes em Portugal foi de 4.60 ( $SD=1.39$ ) e de abertura à entrada de refugiados em Portugal foi de 4.44 ( $SD=1.50$ ). Estes valores encontram-se ligeiramente acima do ponto médio da escala, sendo que a média da abertura à entrada de imigrantes é cerca de 2 casas decimais superior à média da abertura à entrada de refugiados.



**Gráfico 4.** Valores médios dos itens de abertura à entrada de imigrantes e refugiados ( $N=200$ )

### Associação entre o luso-tropicalismo e a aceitação de discriminação para com trabalhadores estrangeiros

Foram realizadas análises de correlação entre os fatores da escala de luso-tropicalismo e os fatores da escala de aceitação de discriminação através do coeficiente de correlação de Pearson.

Na Tabela 4, é possível observar a existência de uma correlação positiva significativa ( $p < .05$ ) entre os fatores *Amabilidade* e o fator *Adaptabilidade Harmoniosa* [ $r = .207, p < .05$ ] e a existência de duas correlações negativas significativas ( $p < .05$ ) entre os fatores *Hostilidade* e *Adaptabilidade Harmoniosa* [ $r = -.148, p < .05$ ] e os fatores *Integração cultural* e *Hostilidade* [ $r = -.238, p < .05$ ].

### Associação entre o luso-tropicalismo e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados

Na Tabela 4, é possível verificar que não existem correlações significativas entre os fatores da escala de luso-tropicalismo e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados.

**Tabela 4.** Correlações entre os fatores do luso-tropicalismo e os fatores da aceitação de discriminação e correlações entre os fatores do luso-tropicalismo e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados

		Luso-tropicalismo		
		F1	F2	F3
		Passado	Adaptabilidade	Integração
		Colonial	harmoniosa	Cultural
<b>Aceitação</b>	<b>Amabilidade</b>	.073	<b>.207**</b>	.085
<b>Discriminação</b>	<b>Hostilidade</b>	-.068	<b>-.148*</b>	<b>-.238**</b>
<b>Abertura à</b>	<b>Imigrantes</b>	.005	.109	-.068
<b>Entrada</b>	<b>Refugiados</b>	-.041	.123	-.084

\*\*  $p < 0.01$

\*  $p < 0.05$



### Associação entre a autocaracterização e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados

Na Tabela 5, é possível verificar que não existem correlações significativas entre a abertura à entrada de imigrantes e refugiados e os fatores da escala de autocaracterização.

**Tabela 5.** Correlações entre a abertura à entrada de imigrantes e refugiados e os fatores da autocaracterização

Abertura à Entrada	Autocaracterização	
	F1 Nacionalismo Tradicional	F2 Moderno
Imigrantes	.003	.065
Refugiados	.109	.118

### V – Discussão

Esta dissertação teve como principal objetivo estudar as representações sociais do luso-tropicalismo e como estas se associam às atitudes face a imigrantes e refugiados e à aceitação de discriminação nas relações entre trabalhadores portugueses e estrangeiros. Para estudar este objetivo foram, como já referido, recolhidos questionários a uma amostra de 224 trabalhadores.

Os resultados desta dissertação apontam para uma adesão às ideias luso-tropicalistas por parte da amostra inquirida uma vez que os 3 fatores encontrados (*Passado colonial, Adaptabilidade Harmoniosa e Integração Cultural*) apresentam médias superiores ao ponto médio da escala.

Os fatores encontrados através de uma análise em componentes principais à escala do Luso-tropicalismo e descritos nos Resultados da presente dissertação vêm de encontro aos fatores encontrados em investigações anteriores (Duarte, 2016; Valentim & Heleno, 2018), o que contribui para a validação da escala em Portugal. Este aspeto representava um dos objetivos específicos definidos no início da realização desta dissertação.

No que diz respeito à escala de aceitação de discriminação foram

obtidos bons índices fatoriais e bons níveis de consistência interna, facto que contribui para a validação da escala.<sup>12</sup> Os resultados revelam uma maior pontuação no fator *Amabilidade* para com os estrangeiros em comparação com o fator *Hostilidade*, o que vem de encontro aos resultados obtidos no Brasil por Gondim et al. (2013) e em Portugal por Mouro (2016). É importante salientar que a relutância em aceitar comportamentos de hostilidade para com os estrangeiros pode ser interpretada como uma forma de atribuir características não discriminatórias ao endogrupo, isto é, aos portugueses. Mouro (2016) ressalta que esta explicação é congruente com a Teoria da Identidade Social.

No que diz respeito à abertura à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal, os dados revelam uma tendência para a abertura em relação tanto a imigrantes, como a refugiados, sendo que a média de respostas se registou acima do ponto médio da escala para os dois grupos. Estes dados vêm de encontro à informação recolhida no *European Social Survey* realizado entre 2014 e 2015, no qual foram recolhidas informações relativas à abertura à entrada de imigrantes e refugiados e se verificou uma tendência para uma maior abertura em vários países, entre os quais se encontrou Portugal, nomeadamente em comparação com informação recolhida entre 2002 e 2003 (edição anterior do *European Social Survey*) (Ramos, Loureiro & Graça, 2016).

É, contudo, importante referir que não deve ser excluído da análise dos dados o fenómeno de desejabilidade social (Robson, 2002). Assim sendo, embora estes resultados traduzam uma posição de abertura à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal, os mesmos devem ser explorados em futuras investigações, possivelmente utilizando outro meio de recolha de dados.

No que diz respeito à escala de autocaracterização, os fatores *Nacionalismo Tradicional* e *Moderno/Supranacional* vêm de encontro à investigação de Valentim e Heleno (2008), o que contribui para a validação desta escala. É importante destacar que a consistência interna dos fatores, nomeadamente do fator *Moderno/Supranacional* é baixa, pelo que esta investigação não melhora a consistência interna desta escala.

---

<sup>12</sup> Note-se que um item foi excluído da análise: “Poupá-los de tarefas adicionais em comparação com outros colegas”.

No que diz respeito à associação entre as variáveis, nomeadamente à relação entre o luso-tropicalismo e a aceitação de discriminação nas relações laborais entre portugueses e estrangeiros é possível concluir que o luso-tropicalismo não se encontra associado à diminuição da aceitação de discriminação, uma vez que as correlações encontradas foram nulas ou muito baixas. Tendo em conta o conceito criado por Freyre, segundo o qual os portugueses seriam um povo com uma grande capacidade de adaptação aos trópicos e de convívio harmonioso com outras culturas (Schneider, 2012), seria de esperar que a adesão às ideias luso-tropicalista favorecesse a diminuição do preconceito e da discriminação (Valentim & Heleno, 2018). Tal como em investigações anteriores (Duarte, 2016; Valentim & Heleno, 2018) isto não se revelou. Assim sendo, é possível concluir que, embora as ideias luso-tropicalistas persistam, estas não levam a uma diminuição da aceitação da discriminação para com trabalhadores estrangeiros.

Simultaneamente, não foram encontradas correlações significativas entre a abertura à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal e os fatores do luso-tropicalismo. Assim sendo, a crença de que a adesão ao luso-tropicalismo estaria associada a atitudes mais positivas em relação a estrangeiros é, novamente, posta em causa, uma vez que o luso-tropicalismo não está associado à abertura à entrada de imigrantes e refugiados.

Os fatores da autocaracterização e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados não se encontram correlacionados. Assim sendo, é possível compreender que a forma como os indivíduos se caracterizam não se relacionou com a sua posição de abertura à entrada de imigrantes e refugiados.

A presente investigação tem um importante carácter no que diz respeito à exploração do tema em questão. Ainda assim, existem diversos aspetos que devem ser tidos em conta como limitações do presente estudo. Isto é particularmente importante no que diz respeito ao planeamento de investigações futuras relacionadas com o tema.

Relativamente à amostra, é importante destacar que esta amostra de trabalhadores não é representativa de nenhum grupo de trabalhadores em particular nem dos trabalhadores portugueses de forma geral. Por essa razão, não podem ser retiradas conclusões gerais. Em investigações futuras seria importante ter este aspeto em consideração. A amostra também não é

representativa de determinado nível de escolaridade, muito embora tenha sido realizado um esforço para homogeneizar o mais possível o nível de escolaridade dos participantes.

Um outro aspeto importante a destacar relaciona-se com o item relativo à abertura à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal. Este item representou um índice geral, não sendo apresentados perfis distintos de imigrantes e refugiados. Seria pertinente explorar, por exemplo, em que medida existe uma abertura à entrada em Portugal de imigrantes de países pobres não europeus (nomeadamente em comparação com países europeus) ou, por exemplo, em relação a imigrantes muçulmanos (tal como realizado no *European Social Survey* entre 2014 e 2015). Dada a situação atual, nomeadamente no continente Europeu, as representações dos portugueses em relação a diferentes grupos de imigrantes e refugiados poderiam variar.

Por último, é importante destacar a existência de outras variáveis que podem influenciar a abertura à entrada de imigrantes e de refugiados em Portugal que podem ser tidas em conta em investigação futuras, como, por exemplo, a perceção de ameaça dos portugueses em relação a diferentes grupos de imigrantes e refugiados (ameaça à segurança; económica; ou cultural). Na verdade, quando os imigrantes são percebidos como fonte de ameaça (por exemplo, quando se acredita que estes irão ameaçar a identidade cultural de determinado país), estes são mais facilmente rejeitados pelos endógenos (Stephan & Stephan, 1996).

## VI – Conclusões

Os fluxos migratórios têm presença em Portugal e na Europa desde há muito tempo. Na verdade, historicamente é possível encontrar diversos momentos de relevância no que diz respeito às deslocações de pessoas para dentro e fora de Portugal (Rodrigues et al., 2013). Embora um país marcado pela emigração, Portugal é também um país de imigrantes, tendo-se registado em 2016 um número de 397.731 cidadãos estrangeiros a residir em Portugal (SEF, 2016). Simultaneamente, toda a Europa foi recentemente local marcante no que diz respeito aos fluxos de refugiados provenientes de confrontos armados, nomeadamente na Síria (UNHCR, 2015). Estas migrações, associadas ao fenómeno de globalização, acarretam novos desafios nomeadamente no que diz respeito às organizações cada vez mais

globais. A necessidade de refletir sobre esta problemática teve na base da presente investigação, juntamente com o luso-tropicalismo enquanto representação social.

Os resultados revelam uma persistência das representações sociais luso-tropicalistas numa amostra de trabalhadores portugueses. O luso-tropicalismo não se encontra relacionado com a diminuição da aceitação de discriminação nas relações laborais entre portugueses e estrangeiros. Simultaneamente, não foram relevadas correlações significativas entre os fatores do luso-tropicalismo e a abertura à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal, o que vem de encontro à investigação já realizada sobre o tema. A adesão ao luso-tropicalismo não se encontra relacionada com uma atitude favorável aos estrangeiros (Duarte, 2016; Valentim & Heleno, 2018), neste caso imigrantes e refugiados. A autocaracterização dos indivíduos como Modernos/Supranacionais ou como Nacionalistas Tradicionais também não se encontrou correlacionada com a abertura à entrada de imigrantes e refugiados em Portugal.

Os resultados encontrados revelam uma tendência para a abertura à entrada de imigrantes e refugiados na amostra inquirida. Simultaneamente é possível constatar, no que diz respeito à aceitação de discriminação, uma posição de maior *Amabilidade* que *Hostilidade* no que diz respeito às relações entre trabalhadores portugueses e estrangeiros. Estes dados vêm de encontro a outras investigações (Mouro, 2016; Gondim et al.; 2013).

É importante referir que, pelas limitações referidas na Discussão da presente dissertação, estes dados necessitam de uma maior exploração em investigações futuras.

### Referências bibliográficas

- Alferes, V. R. (1997). *Investigação Científica em Psicologia: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Reading: Addison Wesley.
- Bandeira, L., & Batista, A. S. (2002). Preconceito e discriminação como expressões de violência. *Revista Estudos Feministas*, 10(1), 119-141. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ref/v10n1/11632.pdf>.

- Cabecinhas, R. & Lázaro, A. (1997). Identidade Social e Estereótipos Sociais de Grupos em Conflito: Um Estudo numa Organização Universitária. *Cadernos do Noroeste*, 10(1), 411-426.
- Cabecinhas, R. (2004). Representações sociais, relações intergrupais e cognição social. *Paidéia*, 14(28), 125-137. DOI:10.1590/S0103-863X2004000200003.
- Castelo, C. (1998). *O Modo Português de Estar no Mundo. O Lusotropicalismo e a Ideologia Colonial Portuguesa (1933-1961)*. Porto: Afrontamento.
- Castelo, C. (2011). Uma incursão no lusotropicalismo de Gilberto Freyre. *Blogue de História Lusófona*, 6(1) 261-280.
- Coelho, A. L. (2016). O que Portugal tem que ver com o Brasil [What Portugal has to do with Brazil]. *Público*, (Março), 40.
- Doise, W. (1986). *Levels of Explanation in Social Psychology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Doise, W., Spini, D., & Clemence, A. (1999). Human rights studied as social representations in a cross-national context. *European Journal of Social Psychology*, 29, 1-29.
- Duarte, M. I. T. (2016). *Luso-tropicalismo e preconceito em contexto organizacional: um estudo das representações sociais com colaboradores portugueses* (Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações, do Trabalho e dos Recursos Humanos). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Field, A. (2009). *Discovering statistics using SPSS* (3rd ed.). London: Sage Publications.
- Fonseca, M. L. (2008). Imigração, diversidade e novas paisagens étnicas e culturais. *Portugal: percursos de interculturalidade Vol II Contextos e dinâmicas*. (pp. 49-96) Lisboa: ACIDI.
- Gibson, J. L., Ivancevich, J. M., Donnelly Jr., J. H., & Konopaske, R. (2011). *Organizations: Behavior, structure and processes*. New York: McGraw-Hill Irwin.

- Gondim, S. M. G., Techio, E. M., Paranhos, J., Moreira, T., Brantes, C., Sobrinho, J. B., & Santana, V. (2013). Imigração e trabalho: Um estudo sobre a identidade social, emoções e discriminação contra estrangeiros. *Psicologia em pesquisa*, 7(2), 151-163. DOI: 10.5327/Z1982-1247201300020003.
- Heleno, A. M. M. (2015). *Luso-tropicalismo e diversidade cultural em contexto organizacional: Um estudo das representações sociais de estudantes universitários*. (Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações, do Trabalho e dos Recursos Humanos). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.
- Hill, M., & Hill, A. (2000). *Investigação por questionário*. Lisboa, Edições Sílabo.
- Hogg, M., & Vaughan, G. M. (2005). *Social psychology* (4ª ed.). Harlow: Prentice Hall.
- Lippmann, W. (1922). *Public Opinion*. Nova Iorque: Free Press.
- Marques, J., Paéz, D., & Pinto, I. R. (2013). Estereótipos: antecedentes e consequências das crenças sobre os grupos. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (9ªed., pp. 435-492). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Mendes, V., & Valentim, J. P. (2012). O luso-tropicalismo nos manuais de História e de Português do ensino primário português no período colonial: um estudo exploratório. *Psicologia e Saber Social* 1(2), 221-231.
- Monteiro, M. B. (2013). Relações intergrupais. In J. Vala & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (9ªed., pp. 493-568). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Moscovici, S. (2000). The phenomenon of social representations. In G. Duveen & S. Moscovici (Eds.), *Social Representations* (pp. 18-77). Cambridge: Polity Press.
- Mouro, A. R. (2016). *Perceção de discriminação laboral e fontes de perceção de conflito por parte dos trabalhadores portugueses: um*

*estudo no âmbito das representações sociais do luso-tropicalismo* (Dissertação de Mestrado em Psicologia das Organizações, do Trabalho e dos Recursos Humanos). Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, Universidade de Coimbra, Portugal.

- Neves, M. (2016). *Os portugueses e o acolhimento de refugiados: Privação relativa e hostilidade intergrupala* (Dissertação de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações). Escola de Ciências Sociais e Humanas, ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa.
- Pereira, C., Torres, A., & Almeida, S. (2003). Um estudo do preconceito na perspetiva das representações sociais: análise da influência de um discurso justificador da discriminação no preconceito racial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(1), 95-107. DOI:10.1590/S0102-79722003000100010.
- Pereira, C. R., & Vala, J. (2010). Do preconceito à Discriminação justificada. *In-Mind\_Português*, 2-3(1), 1-13.
- Pestana, M. H. & Gageiro, J. N. (2005). *Análise de Dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS*. Lisboa: Edições Sílabo.
- PNUD (2004). *Relatório do desenvolvimento humano 2004 - Liberdade cultural num mundo diversificado*. Lisboa: Mensagem.
- Postelnicescu, C. (2016). Europe's new identity: The refugee crisis and the rise of nationalism. *Europe's Journal of Psychology*, 12, 203-209.
- Ramos (2013). Globalização e Multiculturalismo. *Revista Eletrônica Inter-Legere*, 13, 75-101.
- Ramos, A., Louceiro, A. & Graça, J. (2016). Migrações e Refugiados: Atitudes e percepções dos europeus. *Boletim Atitudes Sociais dos Portugueses*, 4. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa
- Robson, C. (2002). *Real World Research: A Resource for Social Scientists and Practitioner-Researchers* (2nd ed.). Malden: Blackwell Publishing.
- Rodrigues, D., Correia, T., Pinto, I., Pinto, R., & Cruz, C. (2013). Um Portugal de Imigrantes: exercício de reflexão sobre a diversidade



cultural e as políticas de integração. *Da Investigação às práticas*, 4(1), 86 - 109.

Schneider, A. L. (2012). Iberismo e luso-tropicalismo na obra de Gilberto Freyre. *História da historiografia*, 10, 75-93.

SEF (2016). *Relatório de imigração, fronteiras e asilo*. Disponível em <http://sefstat.sef.pt/relatorios.aspx>.

Semyonov, M., Raijman, R. e Gorodzeisky, A. (2008). Foreigners' impact on European societies: public views and perceptions in a cross national comparative perspective. *International Journal of Comparative Sociology* 49:5-29.

Stephan, W. G., e Stephan, C.W. (1996). Predicting prejudice. *International Journal of Intercultural Relations*, 20 (3): 409-426.

Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25, 79-97.

Tajfel, H. (1982). Social psychology of intergroup relations. *Annual Review of Psychology*, 33(1), 1-39

Taran, P., Beijl, R. Z., & McClure, I., (2004). *Challenging discrimination in employment: A summary of research and a typology of measures*. Geneva: International Labour Office.

UNHCR. (2015). *Global trends: Forced displacement in 2015*.

Vala, J., & Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. In J. Vala., & M. B. Monteiro (Eds), *Psicologia Social* (pp. 569-602) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Valentim, J. P. (2003). *Identidade e Lusofonia nas Representações Sociais de Portugueses e de Africanos*. Tese de doutoramento. Coimbra: Universidade de Coimbra.

Valentim, J. P. (2011a). Representações sociais do luso-tropicalismo e olhares cruzados entre portugueses e africanos. In M. J. Simões (Ed.), *Imagótipos literários: processos de (des)configuração na imagiologia literária* (pp. 57-75). Coimbra: Centro de Literatura Portuguesa.

- Valentim, J. P. (2011b). Social psychology and colonialism. In J. P. Valentim (Ed.), *Societal approaches in social psychology* (pp. 180-194). Berne: Peter Lang.
- Valentim, J. P. (2013). Que futuro para as representações sociais? *Psicologia e Saber Social*, 2(2), 158-166.
- Valentim, J. P. & Heleno, A. M. (2018) Luso-tropicalism as a social representation in Portuguese society: Variations and anchoring. *International Journal of Intercultural Relations*, 62, 34-39.